

A DISTOPIA DA PALAVRA EM *ECOLOGIA* DE JOANA BÉRTHOLO¹

Marcelo Felipe Garcia²

Resumo

Joana Bértholo publicou, em 2018, a obra intitulada *Ecologia*, uma distopia que imagina vários personagens portugueses vivendo por uma transição social, em que, pelo menos inicialmente, algumas palavras passam a ser cobradas quando são ditas. A obra contemporânea ajuda a montar um mosaico de distopias, que cada vez mais são imaginadas e produzidas, tanto no mundo todo, quanto especificamente em Portugal como nota Becker em sua tese (2017). Uma tradição que, embora recente, prova sua relevância como exemplifica *Ensaio sobre a Cegueira* (1995). É para contribuir nesses estudos emergentes que esse trabalho é produzido. Através de cenários de controle da fala e elucubrações sobre a importância da linguagem, Bértholo parece querer comunicar o valor (monetário e social) que a palavra pode ter, questão que esse trabalho pretende elaborar e expandir para um campo teórico. Busca-se, a partir desses pontos, expor como a autora gera no leitor a possibilidade de esperança através de um cenário de caos e pessimismo, como é costume das distopias críticas (Moylan, 2016). Aliado aos estudos de distopia, pretende-se, também, usar conceitos foucaultianos de heterotopia e biopolítica a fim de melhor elucidar as mecânicas usadas pela autora para gerar a dualidade desespero/esperança na leitura de seu texto. Para uma abordagem da literatura distópica, contaremos com Claves (2010); Gottlieb (2001); Baccolini e Moylan (2003) e Moylan (2016) como base. As leituras de Foucault serão *Em defesa da sociedade* (1999), *Nascimento da biopolítica* (2008) e *O corpo utópico ; As heterotopias* (2013).

Palavras-chave: Joana Bértholo; palavra; distopia; biopolítica.

1 Órgãos financiadores: CNPq/MCTI

2 Mestrando no curso de Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina – UEL, marcelo.felipe@uel.br.

INTRODUÇÃO

A distopia oferece uma visão contraditória do presente: enquanto o autor ou autora expõe de forma exagerada aquilo que pensa ser ruim, também tenta mover ações concretas para um futuro que considera significativamente pior do que se tem atualmente. Funciona como uma espécie de aviso de que as coisas podem mudar para algo pior, muitas vezes em um futuro não tão longínquo. Se quisermos evitar que o cenário (até então) fictício aconteça, devemos nos esforçar para combater sua raiz localizada no tempo presente. Mostra-se o horror com a intenção de gerar esperança.

Na escrita utópica de ficção científica, portanto, o mundo real é forjado para tornar-se “estranho” para desafiar a complacência do leitor quanto às visões da história aceitas e despertar, pela “verdade” da ficção, uma percepção das conexões entre história e tempo presente. (VARSAM, 2003, p.206-7)³

Esse jogo entre o distanciamento especulativo do que se vive e a aproximação de relações que se podem encontrar nas atualidades é importante para que os escritores e escritoras de distopias consigam passar sua mensagem, seu aviso, a fim de instigar os leitores a comprarem a possibilidade infame lida no romance. É nessa conjuntura, também, que se percebe quais são as mazelas da sociedade que o autor(a) julga graves o suficiente para dedicar uma narrativa para explorar as possíveis alternativas preventivas.

O romance *Ecologia* (2018), de Joana Bértholo, explora um mundo em que a palavra passa a ter valor para ser dita, bem como os desdobramentos desse evento e os objetivos finais dos idealizadores desse plano. Muito mais do que isso, porém, a narrativa pinta uma imagem panorâmica dos reflexos de tal decisão em personagens variadas, abordando com sutileza as consequências da palavra como mercadoria. De forma ortodoxa, ao invés de colocar-nos no mundo futuro desde o começo da história, nos faz acompanhar todo o processo das implementações de leis e reação pública, evidenciando interesses, reflexões e uma crítica ao

3 Algumas citações são em inglês, portanto provei a tradução de forma livre para o corpo do texto e deixarei as originais em notas de rodapé: “In sf and utopian writing, then, the real world is made to appear “strange” in order to challenge the reader’s complacency toward accepted views of history and awaken, through the “truth” of fiction, a new perception of the connections between history and the present world.”

modo como a cultura em que vivemos pode se desdobrar de maneiras inesperadas. Cultura essa, que pode ser muito bem elucidada pela leitura de Foucault.

É nesse contexto, portanto, que se pretende aliar os estudos da distopia aos do pensador com objetivo de analisar as relações que surgem entre o futuro fictício e o presente real. A partir dessa premissa básica, também, buscaremos pensar como os conceitos foucaultianos dão base para a possibilidade de relacionar esses dois tempos, e, por fim, alinhado com os estudos da distopia, refletimos sobre a quais objetivos esses paralelos podem servir.

METODOLOGIA

Para a análise do romance em questão, *Ecologia*, será feita uma união entre alguns dos pressupostos foucaultianos com a teoria relativa às literaturas distópicas, pois acreditamos que esses estudos se complementam para uma compreensão mais branda do texto literário. As considerações sobre o gênero distopia dão base para a leitura dos artifícios formais que constituem essa obra como fictícia, mas que, ao mesmo tempo, relaciona-se com seu tempo presente e com conflitos reais. As reflexões de Foucault, portanto, enquanto locadas na realidade, ajudam a criar a ponte entre o que é projeção pessimista do futuro e as raízes desse mal no presente. É unindo esses dois estudo que se espera analisar a obra enquanto ficção, e, ao mesmo tempo, identificar as relações que o texto apresenta com o nosso mundo no agora.

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 FOUCAULT

Com citações explícitas às reflexões foucaultianas sobre o panóptico e a estudos semelhantes como de Agamben tratando sobre o estado de exceção, *Ecologia* certamente interessa-se em tecer pensamentos sobre controle da vida privada, do corpo, da segurança e do espaço geográfico. Esses assuntos são abordados pelo filósofo, historiador, crítico literário Michel Foucault em variados momentos de sua produção.

Em seus estudos, Foucault dedicou muitas de suas linhas para captar o relacionamento que o Estado tinha com o indivíduo em suas várias vertentes. O filósofo conjectura que vivemos, atualmente, em um sistema

de organização que vende a si mesmo como mínimo interventor da economia, mas que, ao invés disso, toma várias medidas para transformar àquilo que lhe for interessante em mercadoria, para que assim possa atuar sobre ele. Para exemplificar suas ideias, vejamos um trecho em que trata da questão rural na Europa:

A ideia não era: dado o estado de coisas, como encontrar o sistema econômico capaz de levar em conta os dados básicos próprios da agricultura europeia? Mas sim: dado que o processo de regulação econômico-político é e não pode ser senão o mercado, como modificar essas bases materiais, culturais, técnicas, jurídicas que estão dadas na Europa? (FOUCAULT, 2008, p.193-4)

Move-se o que for necessário para a obtenção desse fim, como coloca o pensador. Desde que haja interesse do órgão regulador em ter controle sobre alguma faceta da sociedade, é mais interessante que se altere a geografia (vide o exemplo acima), a espécie (formulações artificiais de raças de cachorro para comercialização), a cultura (colonização), enfim, qualquer coisa mesmo que biológica ou natural para justificar a intervenção.

Essa é, de forma análoga, a mesma premissa do romance de Bértholo: buscar uma forma de regulamentar o custo da palavra pelo Estado, por meio de inúmeros apoios financeiros de outras fontes (como a de Darla Walsh, personagem na narrativa). Também, a solução encontrada por ambos é propiciar um cenário em que a segurança é posta em risco e na qual o indivíduo pode (lê-se “deve”) contribuir para o obter o bem coletivo em sua esfera privada. No caso de Foucault, ele identifica tais tendências em emergência na França e a denomina “política social privatizada”:

A ideia de uma privatização dos mecanismos de seguro, em todo caso a ideia de que cabe ao indivíduo, pelo conjunto das reservas de que ele vai poder dispor, seja a título simplesmente individual, seja por intermédio das sociedades de ajuda mútua, etc., [proteger-se dos riscos], esse objetivo é, apesar de tudo, o que vocês veem em ação nas políticas neoliberais tais como a que conhecemos atualmente na França. É essa a tendência: a política social privatizada. (FOUCAULT, 2008, p.198-9).

No caso do romance, é o início das ações que gera as múltiplas interações que lemos no decorrer de toda história: “Exacto! [as pessoas] Têm de se sentir encurraladas. Ameaçadas. Medo, medo, precisamos de medo!

[...] – Sim, por exemplo, um inimigo a combater. [...] – Poderíamos ser nós a fabricar essa ameaça?” (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.) Depois dos ataques por todo o mundo, o Plano de Revalorização da Linguagem é adotado em sua primeira de três fases e passa a cobrar, aprender e analisar todas as linguagens existentes. Dessa forma, para a contribuição da segurança coletiva, a única coisa que os cidadãos precisam fazer é consumir.

Foucault entende essa determinação como uma forma de colocar no indivíduo a responsabilidade de seu próprio bem-estar, de certa forma, transferir as relações econômicas para o espaço privado. Aberta, porém, a oportunidade de se embaralhar o capital na vida privada e a qualificação do indivíduo de forma que corresponda a seu nível de produção, aliado ao fato de que existe uma agência controladora do capital (ou, no mínimo, fortemente influente), abre-se a possibilidade da manipulação dessa agência dentro da vida privada. Isso, segundo Foucault, é principalmente feito na forma de normalização, ou seja, no estabelecimento de uma norma à qual o indivíduo é coagido a seguir.

[...] pode-se dizer que o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, ao corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica, esse elemento que circula entre um e outro é a “norma”. A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanta a uma população que se quer regulamentar. [...] A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação. (FOUCAULT, 1999, p.302)

A disciplina sobre a qual o pensador comenta, é o ato de hierarquizar “espécimes” melhores e piores, incitando que é dever de todos desejar a ascensão própria e de toda comunidade, muitas vezes em detrimento daquilo que, supostamente, desacelera a velocidade da evolução social. O problema, é claro, está no fato de que quem tem o poder de determinar uma “biologia” melhor que outra, tem, igualmente, o poder de privilegiar certas vivências às outras. A segurança assume um papel duvidoso sob esse prisma: caso a instituição reguladora da norma queira perseguir alguma categoria específica de humanos, por considerar que ela atrapa-lha de alguma forma o seu acúmulo de poder, então é só vender uma

narrativa de que esta oferece perigo à sociedade, e que é dever individual de todos advogar contra esse “impedimento”.

No romance *Ecologia*, a segurança é privatizada e colocada no âmbito individual, quando descobrimos que o objetivo final do estudo da palavra é uma máquina que irá proporcionar toda a estatística do que se é ou poderá ser, biológica e socialmente falando, sendo necessário apenas olhar para um equipamento. Esse apetrecho, porém, também tem a possibilidade de determinar aquilo que considera digno de extermínio ou recompensa, dependendo da norma que melhor convém.

[...] um ciberespaço totalitário, querem ver que sociedade se vai estabelecer quando todo o poder da comunicação e da expressão estiver centralizado na empresa que eles gerem. Querem digitalizar o corpo e a consciência. Querem ver como vai ser quando qualquer desvio for detectado antes do acto, na intenção: um terrorista, um enfermo, um devasso. Querem saber se é verdade que todo o desvio nasce do corpo. (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.)

“Terrorista” e “enfermo” não são termos que têm suas definições fechadas e podem significar coisas diferentes, caso queira quem determina seu valor. Essa imprecisão é usada para marginalizar aqueles que se distanciam da norma, pregando neles um valor negativo.

Em contrapartida, classificadas e entendidas essas normas, existem locais que são planejados como forma de oposição à ordem vigente, dentro e fora dessa mesma sociedade. São essas as heterotopias, conceito usado por Foucault para designar os espaços de uma sociedade que são regidas por regulamentos diferentes e podem servir de escape da rotineira vida regrada. Funcionam, muitas vezes, como microutopias geográficas que isolam a norma estabelecida e propõem uma diferente visão de como se vive.

[...]acredito que há – e em toda sociedade – utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa. [...] É bem provável que cada grupo humano, qualquer que seja, demarque, no espaço que ocupa, onde realmente vive, onde trabalha, lugares utópicos, e, no tempo que se agita, momentos ucrônicos. (FOUCAULT, 2013, p.19)

Os preceitos expostos até então auxiliam na compreensão dos mecanismos de controle que atravessam tanto a realidade quanto o mundo

fictício de *Ecologia*. É oportuno, agora, buscar como tais conceitos podem ter sido utilizados como ferramentas literárias de um gênero como o distópico, ou seja, como tais fatos podem ser lidos estando o leitor frente a uma distopia.

1.2 DISTOPIA

O que torna as narrativas distópicas tão atraentes quando expõe, muitas vezes, o pior que a humanidade pode criar de uma forma exagerada? Para isso existem um sem número de respostas. Uma que cobre muito bem a maior parte das funções das distopias vem de Varsam:

[...] ficção distópica age como nossos olhares renovados sob o mundo, criando pistas que nós podemos acatar apenas se estivermos “sintonizados” na mesma frequência. A realidade torna-se local de interpretação, e o leitor é convidado a agir nessa interpretação a fim de elicitar o parâmetro exato do aviso passado em qualquer texto distópico. (VARSAM, 2003, p.206)⁴

A distopia, nesse sentido, funciona como uma espécie de aviso que nos dá pistas de um futuro que, embora ainda não concreto, pode vir a ser, caso os pontos exagerados na história tornem-se proeminentes, também, na vida real. Desde já, percebe-se uma importante relação do texto com a vivência concreta. É preciso que o leitor intervenha no texto, buscando os pontos em que a realidade e a ficção convergem para desenhar os traços da crítica. Essas pistas, claro, dependem do tempo, espaço e cultura em que se habita. Como Baccolini coloca:

[...] distopia mostra uma complexa relação com a história. Por um lado, como as utopias, normalmente é locado no tempo e espaço e requer uma suspensão similar desses; por outro, ainda mais que utopia. É imediatamente enraizado na história. Sua função é avisar os leitores dos possíveis desfechos do nosso mundo presente e se vincula em uma extrapolação de elementos chaves da sociedade contemporânea. [...] A esse respeito, claramente mostra-se como uma crítica da história – da história modelando

4 “[...] dystopian fiction acts as our new eyes onto the world, creating clues that we can become aware of if only we ‘tuned into’ the right frequency. Reality becomes a site of interpretation, and the reader is asked to partake in this interpretation in order to elicit the exact parameters of the warning conveyed in any given dystopian text.”

a sociedade do(a) escritor(a) distópico em particular.
(BACCOLINI, 2003, p.115)⁵

Esses momentos de “sobriedade” que fazem transparecer um espelho apontado para nossa sociedade são bastante recorrentes em *Ecologia*, que com frequência formula frases tanto ácidas quanto impacantes, como “– Não podemos silenciá-los, isso é dar-lhes a liberdade de não consumirem!” (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.) E momentos que se conectam muito mais fortemente com os preceitos foucaultianos expostos como a adesão inerente a uma norma vigente, que começa como especulação de Lucía: “Em poucos meses as pessoas não vão sequer poder ‘estar fora’.” (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.) E termina como certeza: “Já não há ‘estar fora’. Em nenhum aspecto da vida. Uma utopia individual dentro de uma distopia colectiva.” (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.)

O que as personagens principais comunicam é de imensa importância, pois é a partir de suas experiências que temos as ditas pistas para captar a crítica elaborada. Suas mazelas podem ser uma das que compartilhamos, ou alguma vantagem que deve ser olhada com ceticismo quando o protagonista é o opressor. Serão as reflexões geradas a partir das interações das personagens com a sociedade distópica que criarão o elo entre a ficção e a realidade:

A percepção do narrador é um importante sinal no gênero, pois sinaliza e documenta a discrepância entre o mundo como ele/ela experiencia e o mundo que ele/ela deseja. O leitor é, então, trazido para o mundo distópico via uma série de aparelhos formais utilizados com o propósito de identificação do ponto de vista do narrador. (VARSAM, 2003, p.205)⁶

5 “[...] dystopia shows a complex relationship to history. On the one hand, like utopia it is normally located in time and space and requires a similar suspension from them; on the other, even more than utopia, it is immediately rooted in history. Its function is to warn readers about the possible outcomes of our present world and entails an extrapolation of key features of contemporary society. [...] In this respect, it clearly appears as a critique of history — of the history shaping the society of the dystopian writer in particular.”

6 The narrator’s perception is an important sign in the genre for signaling and documenting the discrepancy between the world as he/she experiences it and the world he/she desires. The reader is then drawn into the dystopian world via a series of formal devices utilized for the purpose of identification with the narrator’s point of view.”

Tendo no romance analisado visões diferentes sobre o mesmo assunto (como Darla Walsh e Carolina, por exemplo), para qual protagonista deve ser direcionada nossa identificação? Não é tão simples como apontar para uma personagem, já que todas recebem tratamento pareis no texto, tendo seus motivadores e lado emocional explorados. Como o próprio romance admite: “A realidade tornou-se como um desses romances pós-modernos em crescente entropia, pesado em referência, sem personagens coerentes, sem fio condutor, e sempre tentando engolir as suas próprias margens.” (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.)

E assim como muitas histórias realistas, o livro fecha com um final em que não necessariamente todos conseguem o que almejam, bem como com o sucesso da implementação da Lei de Revalorização da Linguagem em todas as suas etapas. Se entendermos a distopia como um gênero cuja função é gerar esperança:

Mas embora as imagens do futuro colocadas na distopia talvez tragam desespero ao leitor, o principal foco desse subgênero é didático e moralista: imagens do futuro são colocadas como possibilidades reais, porque o utopista quer assustar o leitor e fazê-lo perceber que as coisas podem dar tanto certo quanto errado, dependendo das responsabilidades morais, sociais e cívicas do cidadão. (VIEIRA, 2010 p.17)⁷

É relevante, portanto, que busquemos quais pontos apontam (ou não) para uma esperança de futuro melhor em *Ecologia*.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O romance começa e termina conjecturando sobre o eco, algo que pode ser definido como a repetição, reprodução do som, nesse caso específico, da palavra. É com essa inteligente metáfora que começamos a ver como os assuntos tratados no mundo ficcional ecoam naqueles experimentados na realidade. É notável, a exemplo dessa valorização do eco, como os títulos costumam ser apenas trechos recortados de outros

⁷ “But although the images of the future put forward in dystopias may lead the reader to despair, the main aim of this sub-genre is didactic and moralistic: images of the future are put forward as real possibilities because the utopist wants to frighten the reader and to make him realize that things may go either right or wrong, depending on the moral, social and civic responsibility of the citizens.”

capítulos, que por vezes criam novos significados. A sociedade que lemos em *Ecologia* pode ser entendida como a reprodução e repetição do nosso estilo de vida.

Dessa forma, se voltarmos à teoria de Foucault, de que o arranjo neoliberal engole tudo aquilo que julga ser necessário transformar em mercadoria, podemos entender que o texto tenta nos avisar de um possível futuro em que coisas tão essenciais quanto o poder de expressão se tornariam objetos de consumos, evidenciado pelo lamento de Candela “Agora pagamos, mãe. Já não são palavras, são coisas.” (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.) E, a partir do momento em que as palavras são reguladas por uma agência que determina quais custam e quanto custam, isso muda a forma de viver em sociedade. Segundo Foucault, são as formas de organização do poder que impõem os limites do que é ou não normal em uma sociedade. “Ora, eu creio que a razão por que, de fato, a morte tornou-se assim essa coisa que se esconde não está numa espécie de deslocamento da angústia ou de modificação dos mecanismos repressivos. Está numa transformação das tecnologias de poder.” (FOUCAULT, 1999, p.295)

Partindo desse princípio, em *Ecologia* nota-se também como são mudadas as relações e interações entre classes sociais.

É na gigante classe média-baixa que se gera um novo tipo de discurso característico de quem tem ambição de ascender. Estes Consumidores colecionam cupões, promoções, formas de poupar. Estão sempre a par do calão na moda, uma espécie de loja do chinês da linguagem, apesar de não conter um só termo de Mandarin© ou Cantonês©, por sinal Produtos Idiomáticos caros. Assiste-se à ascensão colectiva da figura do Fala-Barato. Quem é pobre, não fala. (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.)

Algumas línguas são valorizadas e passam a ter importância social maior do que outras, ainda que, no final, o objetivo dessa mudança não seja o enaltecimento implícito de uma linguagem, e sim a possibilidade de uma articulação entre linguagem em consciência que tenha a capacidade de ler o indivíduo tão bem que prevê qualquer desvio da norma que possa ter. Quando detectado algo, uma solução imediata é oferecida, pois na distopia criada, a homogeneização é importante para a manutenção da norma. Isso é algo previsto em várias distopias, um poder que com a intenção de eliminar qualquer oposição, estabelece como nocivo aquilo que não lhe convém, seja por rebelião ou simplesmente por diferença:

“[...] sociedades podem ser caracterizadas como distópicas quando a principal função da lei é definir legalidade e segregar àqueles dentro do círculo mágico, os quais devem ser colocados sob a lei, de àqueles que são empurrados para fora como inimigos, demônios, bode expiatórios.”⁸ (GOTTLIEB, 2001, p.35)

A forma como essa norma é apresentada em *Ecologia* parece ser mais metafórica do que explícita. As únicas duas ocorrências de doença durante todo o decorrer da história são quando Lucía é acometida por uma virose que a impede de falar por muito tempo e quando Pedro precisa ser levado para o Vale do Silêncio para buscar uma cura para sua bactéria letal. Essas formas de doenças estão dentro do escopo do que Foucault prevê como desviante, pois formam uma oposição clara à ordem vigente que é o consumo das palavras expressadas pela fala. Lucía de forma mais óbvia, ao literalmente ter a possibilidade de falar e optar por manter-se calada depois de curada. Pedro, porém, tem uma doença que não tem cura, é gago. A natureza misteriosa do que é sua doença, de como ela funciona e motivo de não haver tratamento, tudo isso contribui para o entendimento de que a bactéria funciona como símbolo de sua gaguez, uma condição que para sempre o colocará à margem do sistema. O que, em primeiro momento parece ser uma vantagem: “– Que sorte incrível serem justamente as duas coisas que mais faço – gaguejar e cantar – aquilo que o Sistema não reconhece!” (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.) Torna-se uma forma de resistência inata ao que é proposto na sociedade “– É terrifico como gaguejas, tipo superstrong. Que power! Hey-ho.” (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.)

Essas intervenções que modelam o novo normal da distopia em *Ecologia* constroem, também, uma nova lógica de realidade. Afetam os viventes daquele mundo, não só por impor que exista um pagamento necessário para as palavras, o que em pouco tempo seria a única forma de entender a linguagem “Lucía pensa no futuro. Consegue até antecipar a reacção de estranheza quando à próxima geração for explicado que, outrora, falar era gratuito.” (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.) Mas também ao explorar o lado da palavra que formula a percepção de nosso mundo em si: “Falar desta e doutras formas começa a mudar a forma

8 “[...] societies can be characterized as dystopic when the prime function of the law is to define lawlessness and to segregate those inside the magic circle, who are to be placed under the law, from those who are thrust outside as enemies, demons, scapegoats.”

como as pessoas pensam, e mudar a forma como as pessoas pensam sobre o mundo é mudar o mundo.” (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.)

Esse ambiente artificial locado no futuro, apenas com a promessa de devir, conecta de variadas formas com as várias relações que podem ser encontradas nas sociedades de princípio neoliberais, nos dias de hoje. A ideia de tornar um mundo estranho, e, então, mostrar pelas frestas a realidade nele contido é uma forma de tornar a própria realidade um campo de discussão debatível, em que aquilo que é tido como fixo parece bizarro sob essa nova perspectiva. A articulação da realidade em *Ecologia* é principalmente evidenciada por trechos em que notícias reais são vistas pelas personagens do mundo distópico e geram a indagação “como algo verdadeiro parece ser tão próprio de uma versão piorada do que se vive?”. Momentos como quando Carolina está para fazer sua viagem:

nova lei pode levar à privatização das praias

– Carol, dás uma olhadela nisto que eu vou ser ver se têm o meu whisky no duty-free? – Hum-hum... Ela não ouviu. Ele morde o lábio para se impedir de reagir. Não podem discutir aqui. Ainda nem sequer embarcaram. **coligação quer privatizar parte das receitas da segurança social**
clique para ler mais

austeridade é pretexto para privatizar a água em Portugal (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.)

Momentos como esses colocam em xeque o quão fictício esse espaço é, pois apresentam a dificuldade da distopia como uma possibilidade real, na qual se não houver qualquer tipo de ação no presente podemos nos ver encarando um futuro que não seja tão diferente de uma distopia. Nesse caso, o problema apresentado é a facilidade com que é possível tornar as coisas parte do mercado, como é possível impor valores monetários a conceitos abstratos como palavras e falas, com a justificativa de uma proteção maior; um perigo que parece já apresentar seus primeiros passos quando percebemos que as notícias de privatização não são forjadas.

Sendo a história contada de vários ângulos, algumas (poucas) pessoas se beneficiam e as outras não. Mas, mesmo dentre as que não recebem o benefício, os problemas são muitos e variados. Carolina sofre por não conseguir ser a jornalista que gostaria; Lucía por não conseguir articular o sonho americano de vida; Tápio por ser um transmissor de guerra; Nelson pela condição de pobreza, entre outros. Todos esses interesses individuais não são compatíveis com o modo de vida proposto pela normalização

que existe tanto na distopia quanto na realidade e falha em proporcionar uma solução satisfatória para todos. Essa tendência é fruto de uma frustração desde o século XX: “De qualquer modo, é geralmente acordado que no século XX as distopias tornam-se a expressão predominante de ideal utópico, espelhando as falhas colossais do coletivismo totalitário.”⁹ (CLAYES, 2010, p.108)

Não é à toa, portanto, que a maioria desses personagens busquem por campos que contradigam a lógica vigente. A expressão mais clara de uma heterotopia no romance analisado é o Vale do Silêncio, um local onde o sistema desenvolvido para a cobrança da fala não consegue chegar. Ali, a lógica é praticamente invertida, já que é onde há a possibilidade de se expressar livremente (tanto ideológica quanto monetariamente), porém os habitantes desse lugar fazem grandes incursões de quietude. É ali que muitos encontram paz e as respostas que buscavam desde o início de suas jornadas. Como é o caso de Carol, que sente a necessidade de ser útil como jornalista e, ao aprender a fazer silêncio, consegue ir contra o sistema que ela não gosta. Ela é a centelha de esperança colocada ao final, uma forma de expressão utópica em meio ao pessimismo distópico. Embora disponha de tecnologias que poderiam prolongar sua vida com bastante saúde, opta pelo estilo, agora arcaico, de se viver, e morre. Seu livro, é a única coisa que permanece de si mesma, e ela o descreve:

[...] como foi que se convenceu de que não valia a pena publicar, que o mundo já não precisava de livros, de pensamento de fundo, de resistência. Se pudesse ter imaginado o que viria depois... Se hoje aquele livro existisse, teria chances de sobreviver no Mercado Negro, de circular nessa espécie de submundo que resiste. Enquanto pensar for do domínio íntimo, algo sempre conseguirá escapar à lógica totalitária. Devia tê-lo publicado. (BÉRTHOLO, 2018, Edição do Kindle.)

Ainda que obsoleto na sociedade criada pelo romance, é publicado por sua sobrinha, Candela, criando o vínculo com a realidade que precisávamos para concretizar a esperança de não ceder a essa lógica totalitária. O título escolhido para a publicação é “Ecologia”, uma palavra que depois de muitas alterações em seu sentido, passa a significar “estudo dos ecos”.

⁹ “Nonetheless it is generally conceded that in the twentieth century dystopia becomes the predominant expression of the utopian ideal, mirroring the colossal failures of totalitarian collectivism.”

Ecos que montam as palavras da realidade na distopia e as palavras da distopia na realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Distopias como a de Joana Bértholo nos convidam a pensar sobre o agora com um novo olhar; um que coloca no horizonte a possibilidade de uma modificação estrutural que parece absurda para o leitor, mas um jeito de viver já estabelecido para os personagens. Vimos que, a partir dos estudos de Foucault, é possível identificar paralelos possíveis entre *Ecologia*, especificamente, e a realidade. Os pontos mais convergentes foram o de um Estado fortemente influenciado (se não controlado) pelo mercado, no qual é mais interessante modificar uma estrutura natural (geografia, cultura, espécie etc.) e transformá-la em parte da economia do que preservá-la. Incorporado em sua lógica, o órgão controlador pode passar a exercer sua força nessa área, afetando o indivíduo através da disciplina e da regulamentação, e para isso é instituída uma norma que deve ser defendida, marginalizando quem a contradiz. Também, foi possível entender, através da definição de heterotopia, que existem espaços geográficos que tentam organizar uma ordem diferente, com a intenção de oposição a norma atual.

Partindo para as funções da distopia, pode-se entender que essas aproximações, expostas pelos estudos foucaultianos, servem vários propósitos: o de fazer o leitor perceber que a história descrita pode ser o seu futuro; o desenvolvimento dos personagens como indivíduos; e o de gerar esperança.

Em *Ecologia*, o primeiro dos ecos que ressoam tanto no romance quanto na realidade é a banalização de algo impossível de se viver sem: a comunicação. O poder de dizer quais palavras custam e quanto valem imita a intervenção que busca controle da padronização conceituado por Foucault. Padronização essa que surge como uma ameaça a ser combatida, mas rapidamente se torna uma forma de dizer o que deve ser zelado e o que não, como é o caso de Pedro, que convive com a gagueira. Junto às conexões feitas pelas notícias reais, é evidente que essas críticas também têm espaço no agora. Por fim, o romance nos lembra desses ecos que vão da nossa realidade para a deles e vice-versa, criando um vínculo com o desejo de liberdade da personagem Carol, materializado pela publicação de seu livro. Somos lembrados, ao fim, que mesmo que distopias não estejam tão distantes, também as resistências estão próximas.

REFERÊNCIAS

BÉRTHOLO, Joana. **Ecologia**. Córdova: Caminho, 2018.

CLAYES, Gregory (Org). **The Cambridge companion to utopian literature**. New York: Cambridge University Press, 2010.

FOUCAULT, Michel. Tradução: GALVÃO, Maria Ermantina. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paula: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Tradução: BRANDÃO, Eduardo. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Tradução: MUCHAIL, Salma Tannus. **O corpo utópico ; As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GOTTILIEB, Erika. **Dystopian Fiction East and West**. Quebec City: Caractérea, 2001.

MOYLAN, Tom; BACCOLINI, Raffaella (Org). **Dark horizons**: Science fiction and the utopian imagination. New York: Routledge, 2003.